



A contribuição da agroecologia para a construção da alimentação viva no Projeto Terrapia- Fiocruz/RJ

The contribution of Agroecology to the construction of living food at Terrapia Project- Fiocruz/RJ

SANTIS, Camila Maria de¹
Fiocruz, camila.santis@fiocruz.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Saúde e Agroecologia

Resumo: O Projeto Terrapia- Fiocruz/RJ fundado em 1997 representa um experimento de mobilização popular orientado pelas bases das políticas de Promoção da Saúde. O objetivo da presente pesquisa é identificar a contribuição da Agroecologia para a construção da alimentação viva, objeto primordial do Projeto Terrapia. Para isso, foi utilizada como metodologia a análise de relatórios das atuais atividades desenvolvidas no projeto em diálogo com alguns resultados obtidos na dissertação de mestrado da própria autora. Diante da existência de uma alguns entendimentos acerca do objetivo em questão, a Agroecologia mostrou-se pilar essencial ao movimento de emancipação do alimento vivo, pra além dos hábitos alimentares individuais, repolitizando a relação alimento-saúde e estabelecendo na formação de seus participantes processos de lutas e posicionamento no mundo que confrontam sistemas desiguais e assimétricos. No entanto, esse processo está em estágios iniciais e enfrenta desafios a serem explorados ao longo do tempo.

Palavras-chave: alimentação viva; promoção da saúde; emancipação.

Introdução

Como locus de desenvolvimento do objeto em estudo, alimentação viva no campo da saúde pública, está o Projeto Terrapia que fundado em 1997 pela médica Maria Luiza Branco, no Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria CSEGSF/ENSP/Fiocruz/RJ hoje se encontra alocado na Sustentabilidades da Escola Nacional de Saúde Pública- ENSP/Fiocruz com apoio institucional do Programa Fiocruz Saudável- CST/COGEPE.

A idealizadora do projeto após estabelecer sua saúde com a alimentação viva solicita um espaço dentro da Fiocruz para construção de uma horta experimental como espaço capaz de promover reflexões sobre os cuidados e processos de aprendizado da prática de manejo da terra e produção de alimentos, de cunho educativo. Neste contexto o Projeto se autoneomeia TERRAPIA- a TERRA pia- buscando trazer à tona o simbolismo ao resgate da comunicação com a TERRA e as COISAS DA TERRA em contraponto a realidade que cerca uma sociedade consumista, desenvolvimentista e fragmentária separada da terra (SANTIS, 2021).



O projeto passou a representar um experimento de mobilização popular orientado pelas bases das políticas de Promoção da Saúde (NAVOLAR; TESSER; AZEVEDO, 2011) objetivando difundir práticas de alimentação saudável, agroecologia urbana e formação de redes solidárias na promoção e divulgação da alimentação viva, ao estimular a população a criar e aproveitar recursos próprios na busca pela melhoria da qualidade de vida, saúde e ambiente (LIVRO VIVO, 2017).

As bases conceituais deste projeto foram cuidadosamente elaboradas com o objetivo de dar forma ao seu propósito principal: a promoção de mudanças nos hábitos de vida, com foco no elemento central que é a alimentação viva (TERRAPIA, 2015). A alimentação viva é uma abordagem alimentar que se apresenta como um estilo de vida, e como tal, incorpora princípios vitalistas, incluindo em sua culinária sementes germinadas, brotos e alimentos crus. Em contraste com a nutrição tradicional, que se baseia em análises bioquímicas para avaliar os alimentos, a alimentação viva enfatiza a energia vital, reconhecendo a informação de vida presente nos vegetais como a fonte essencial de nutrição (SANTIS, 2021).

Nestes 27 anos de existência, o projeto passa por diferentes fases. A primeira fase (1997-2008) mostrou-se como importante pilar metodológico para a continuidade e vitalidade do Projeto, centralizada ainda na figura da idealizadora, a alimentação viva era impulsionada pela sua experiência, tendo a agroecologia como pilar estruturante através da construção da horta junto a AAT (Associação Agroecologia de Teresópolis) tornando o Terrapia a primeira referência de experimento em agroecologia na Instituição (SANTIS, 2021). A segunda fase (2008-2015) é marcada pela centralidade dada ao desenvolvimento da culinária viva culminando num certo afastamento aos trabalhos na horta. Na terceira e atual fase (2015- até hoje) houve a volta do Curso de Agroecologia aderindo o professor que também era agricultor e membro da Associação Agroecologia de Teresópolis, ao corpo de gestores do Projeto (SANTIS, 2021). Em 2018, a VPAAPS/ Fiocruz, articula no VIII Congresso interno da Fiocruz a importância da Agroecologia para os estudos e ações de Promoção da Saúde na política institucional (SOARES; BURIGO; SOUZA, 2022). Movimentos importantes que culminou no amadurecimento do próprio projeto, e em 2019, a equipe gestora entendendo a necessidade de aprofundar o estudo, as práticas e se reconhecendo como uma experiência de Agroecologia realizou a mudança no nome do Terrapia. De “Alimentação viva na promoção da saúde e ambiente” o projeto passa a se chamar “Terrapia- Alimentação viva e Agroecologia na promoção da saúde”.

Metodologia

Trata-se de um resumo expandido de abordagem qualitativa utilizando como metodologia a análise de relatórios das atuais atividades desenvolvidas no projeto em diálogo com alguns resultados obtidos na dissertação de mestrado da própria autora titulado “A construção da alimentação viva no campo da saúde pública: a experiência do Projeto Terrapia”. A pesquisa em questão apresentou como técnicas de coleta de dados fontes de informação primárias a partir de entrevista



semi-estruturadas (Número CAAE: 35810120.3.0000.5240) e fontes secundárias com a análise de documentos e materiais educativos do Projeto.

Resultados e Discussão

Foi possível encontrar a existência de alguns entendimentos acerca da contribuição da Agroecologia na construção da alimentação viva no campo da Saúde Pública pela experiência do Projeto Terrapia.

Foram estabelecidas correlações preliminares entre alimentação viva e saúde. Inicialmente, as narrativas sobre estilo de vida e a própria concepção de saúde individual desempenharam papéis essenciais na construção do conceito de alimentação viva, com um foco central nos Determinantes Sociais da Saúde, conforme proposto por Dahlgren e Whitehead (1991). Estes determinantes se manifestam mais imediatamente no estilo de vida das pessoas e são complementados por fatores biológicos. A metodologia participativa adotada pelo projeto demonstra sua capacidade de dialogar não apenas com essa camada imediata, mas também com as redes sociais e comunitárias subsequentes. No entanto, é importante observar que as camadas mais distantes, que representam as condições de vida e os macrodeterminantes, foram menos exploradas nas atividades práticas e nos estudos realizados no âmbito do Projeto (SANTIS, 2021).

Com a construção da alimentação viva centralizada em referenciais clássicos da Promoção da saúde, como Carta de Ottawa (1986) e Informe *Lalonde* (1974) que tendem impulsionar iniciativas *behavioristas*, a incorporação efetiva da agroecologia objetivou acirrar um diálogo com o que Porto e Pivetta (2009) nomeiam de “Promoção Emancipatória da Saúde” ao resgatar para o conceito e prática de saúde processos relacionais e políticos fundamentados nos princípios da sustentabilidade da vida, *justiça socioambiental* e *ecologia política*. Sem negar a importância que a adoção de bons hábitos e estilo de vida saudável demonstram para a promoção da saúde, a Agroecologia impulsiona no estudo e prática da alimentação viva o comprometimento ético-político, para se pensar criticamente e agir sobre o mundo (DIAS et.al, 2021).

Deste modo, se antes o propósito primordial da fundamentação do projeto Terrapia - mudança de hábito de vida- estabelecia relação com o *empowerment psicológico* como um caminho de “controle da própria vida” podendo ocorrer sem que haja um engajamento nas ações políticas coletivas; com a centralidade dada a Agroecologia o fomento à mudança de hábito de vida é acrescido por uma reflexão crítica sobre o alimento estabelecendo relação mais coesa ao *empowerment comunitário* que repolitiza a noção de autonomia ao promover o aumento da eficácia política, maior debate sobre justiça social e qualidade de vida coletiva (SANTIS, 2021).

Em entrevistas realizadas com os participantes do Projeto, surgiu um fenômeno notável: eles destacaram que o novo enfoque do projeto tem estimulado a formação de multiplicadores da alimentação viva, que se sentem mais motivados a levar esse conhecimento aos seus próprios territórios de origem. Isso se deve ao fato de que a compreensão das desigualdades em termos de oportunidades, acesso, democratização, potencialidades e limitações práticas da alimentação viva



não se restringe mais apenas ao ambiente do Terrapia, mas é incentivada a ser vivenciada e compartilhada em um contexto mais amplo (SANTIS, 2021).

Em vista disso, o alimento vivo que em seu fundamento realiza um contraponto com a corrente alimentar vigente que impulsiona o consumo de alimentos processados, industrializados, encontra na agroecologia novamente um caráter profundamente político ao ato de comer. Privilegia-se, assim, uma relação mais coesa entre a alimentação viva e as políticas de alimentação saudável e sustentável ao trazer características emancipatórias para o objeto que indo além de concepções comportamentais, são inseridas ao contexto da Segurança alimentar e Nutricional (SAN) impulsionando ferramentas potentes utilizadas na promoção do Direito Humano a Alimentação Adequada (DHAA).

O Guia Alimentar para a População Brasileira (BRASIL, 2014), um documento estratégico para a implementação das diretrizes da Promoção da Alimentação Adequada e Saudável, desempenha um papel fundamental como referência para a alimentação viva. Este guia defende que a alimentação vai além da mera ingestão de nutrientes, reconhecendo que os processos socioculturais ligados à identidade, ao senso de pertencimento social e à luta pelo direito à alimentação adequada e saudável são pilares essenciais na construção e compreensão do que constitui uma alimentação saudável e sustentável (BRASIL, 2014).

Assim, recebemos ferramentas valiosas para analisar o ato de comer e refletir sobre o impacto das diferentes etapas, desde a produção até o consumo dos alimentos, bem como as relações estabelecidas com questões de justiça social. Além disso, ao dar destaque à agroecologia, a abordagem da alimentação viva permite uma abordagem mais flexível, que reconhece a importância dos aspectos simbólicos, políticos e culturais relacionados à alimentação (SANTIS, 2021).

Isso implica que o Projeto Terrapia, ao não impor rigidamente os princípios fundamentais da alimentação viva, pode estabelecer um diálogo eficaz com diversas correntes e culturas alimentares, contribuindo assim para a promoção do Direito Humano à Alimentação (DHAA) e para a realização da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN).

Amplia-se também a relação da alimentação viva com o conceito de sustentabilidade para além da terminologia saudável. Cavalli e Martinelli (2019) destacam a relevância do termo sustentável no contexto da alimentação, enfatizando a interligação inerente entre a promoção de uma alimentação saudável e sustentável, a intervenção do Estado nas políticas alimentares e a necessidade de que ambas sejam consideradas e articuladas nas recomendações alimentares.

Nesse contexto, a alimentação viva se distancia da possibilidade de ser cooptada pelo chamado "capitalismo verde", que, ao tentar apropriar-se das agendas da agroecologia, procura ajustar suas estratégias em face das crises globais - ambientais, alimentares e de saúde - por meio de um discurso ecológico que, na realidade, esconde processos de mercantilização da natureza e exploração dos trabalhadores (DIAS et al., 2021).

Assim, a agroecologia desempenha um papel fundamental na construção dos pilares ecológico e social da alimentação viva, reforçando seu caráter político e orientando ações e narrativas que buscam enfrentar os movimentos enganosos e



prejudiciais à concepção de sustentabilidade promovida pelos fundamentalismos do capitalismo.

Nesse sentido, nos primeiros anos em que a Agroecologia ganhou centralidade no projeto, os objetivos estabelecidos para as atividades do projeto envolvem a promoção de processos de formação crítica e política, triangulando os conceitos de alimento vivo, saúde e ambiente. Anteriormente, a visão era de que "nossa maior contribuição ambiental é uma mudança individual" (TERRAPIA, 2015b, n.p.). No entanto, essa concepção agora se amplia, como expresso por uma das entrevistadas: "a saúde está ligada à saúde coletiva. Existe uma conexão direta entre a agroecologia, o que é saúde para a agroecologia e a relação da saúde coletiva com a agroecologia, é saúde para mim" (SANTIS, 2021, p. 113).

Na prática, todas as atividades do projeto, incluindo aquelas voltadas para o desenvolvimento de habilidades culinárias, incorporam momentos de reflexão e debates sobre a relação entre alimentação viva e agroecologia no contexto da saúde pública. O antigo "Curso de Alimentação Viva" passou a ser denominado "Alimentação Viva e Agroecologia na Promoção da Saúde", com o objetivo de promover não apenas as práticas culinárias vivas, mas também estimular discussões teóricas da agroecologia. Este curso agora conta com a participação de pesquisadores da área da agroecologia e líderes de movimentos sociais, que abordam temas relacionados aos princípios fundamentais da agroecologia.

Por outro lado, o "Curso de Agroecologia", iniciado em 2015, ganhou considerável destaque nos últimos anos e tornou-se a atividade mais procurada pelo público do projeto. Em 2022, este adotou um novo formato, selecionando os participantes com base nas iniciativas agroecológicas em seus territórios. A metodologia prática foi redesenhada para incluir visitas à outras organizações, com o propósito de capacitar e fortalecer as redes territoriais agroecológicas, promovendo a troca de conhecimentos e a construção de metodologias para Intercâmbios Agroecológicos.

Conclusões

O resumo expandido visa destacar a influência da Agroecologia na construção da abordagem da alimentação viva promovida pelo Projeto Terrapia. Ao ampliar a compreensão do conceito de alimento vivo para além dos hábitos alimentares individuais, o projeto reintroduz uma dimensão política na relação entre alimento e saúde. Isso se traduz em atividades práticas que criam espaços para a construção de redes de discussão sobre temas como o acesso a alimentos adequados e saudáveis, a agricultura de base familiar e agroecológica, a segurança e soberania alimentar, bem como o direito humano à alimentação saudável e adequada. É importante observar, no entanto, que esse processo ainda está em estágios iniciais de desenvolvimento, e durante as atividades do projeto, identificam-se alguns desafios e limitações nessa relação entre alimentação viva e agroecologia, que serão explorados ao longo do tempo.



Referências bibliográficas

AZEVEDO, E. **Alimentos orgânicos: ampliando os conceitos de saúde humana, ambiental e social**. 2. Ed. Tubarão: Unisul; 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretária de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia Alimentar para a população brasileira**. 2. Ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

CARTA DE OTTAWA. In: **1ª Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde**. Ottawa, Canadá; 1986.

DIAS, A. P.; STAUFFER, A. B.; MOURA, L. H. G. e VARGAS, M. C. **Dicionário de Educação e Agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: EPSJV, 2021.

SANTIS, C. **A construção da alimentação viva no campo da saúde pública: a experiência do Projeto Terrapia**. 2021.

HILL, M.; MULLETT, J. **Community-based research: creating evidence-based practice for health and social change**. Paper presented at the Qualitative evidence-based practice conference, Coventry University, 2000.

NAVOLAR T. S., TESSER C. D., AZEVEDO E. Contribuições para a construção da nutrição complementar integrada. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, n. 41, p. 515- 528, 2012.

PORTO, M. F.; PIVETTA, F. **Por uma Promoção da Saúde emancipatória em Territórios Urbanos Vulneráveis**. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Orgs) **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Ed. Fiocruz, 2009.

RISSEL, C. Empowerment: The holy grail of health promotion? **Health Promotion International**, v. 9, n. 1, p. 39-47, 1994.

SOARES, L. P.; BÚRIGO, A. C.; SOUZA, N. A. **Tecendo Redes de Experiências em Saúde e Agroecologia: resultados e reflexões a partir da sistematização de iniciativas construídas pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)**. Rio de Janeiro : Fiocruz, 2022.

TERRAPIA. **Livro Vivo**. Rio de Janeiro: 2015b.
Disponível em: <http://www.terapia.com.br/capitulo-1>.